

Fábrica de azulejos em Lisboa é a mais antiga da Europa

Método na Sant'Anna continua a ser artesanal

TRADIÇÃO Há em Lisboa uma fábrica de azulejos que faz parte de todos os roteiros culturais do mundo, ou não fosse a mais antiga da Europa, ainda em laboração. Curiosamente, os norte-americanos são os maiores clientes dos azulejos Sant'Anna. Exemplo disso é o facto de o antigo Presidente dos Estados Unidos Bill Clinton, enquanto esteve na Casa Branca, ter feito uma série de encomendas, incluindo azulejos com pinturas dos seus animais de estimação, entre eles os famosos Socks, o gato, e Buddy, o cão.

"Os estrangeiros valorizam mais o nosso trabalho do que os portugueses", disse ao METRO Alberto Bruno, um dos responsáveis pela produção da fábrica. "Cerca de 80 por cento da nossa produção é para exportação", acrescentou, adiantando que a maior parte do total dessas exportações vai para os

Estados Unidos.

Não há embaixador, seja de que parte do mundo for, que venha a Portugal e não visite as instalações da fábrica. Quando tal acontece, há já um azulejo ou outra peça ali fabricada preparada para oferecer como lembrança. Além disso, "arquitectos, designers e curiosos de todo o planeta entram em contacto connosco, pessoalmente ou através da internet", disse Alberto Bruno. A maior parte destas pessoas quer fazer encomendas ou trocar ideias acerca de uma arte que, segundo disse ao METRO o mesmo responsável, "infelizmente ainda é considerada menor".

Fieis às origens

Os azulejos Sant'Anna existem desde 1741 e o processo de fabrico usado pouco se alterou nestes 267 anos. Situada inicialmente na Rua de Santana à Lapa, a fábrica guarda o nome do local onde foi

80 por cento da produção da fábrica é para exportação e os principais importadores

de azulejos são os Estados Unidos.

fundada. Há cem anos, mudou-se para a Calçada da Boa-Hora, perto de Belém, onde vai resistindo à industrialização da produção. É que os azulejos Sant'Anna são fabricados através de processos artesanais, desde a preparação do barro, passando pela vidração e pela pintura manual.

"Até há pouco tempo usávamos exclusivamente barro de Lisboa, mas agora ele vem da Região Centro do país", contou Alberto Bruno, salientando um aspecto curioso: "O último barro lisboeta que usámos era proveniente das escavações da zona onde foi instalado o Centro Comercial Colombo".

A maior parte da produção da fábrica, a par das reproduções e restauros, é feita por encomenda. Neste caso, as peças são originais, feitas especificamente para um determinado espaço. Por vezes, o cliente sabe que desenho quer ver reproduzido nos azulejos, mas há também muitos casos em que a pintura fica ao critério da fábrica. "Damos muita liberdade aos nossos pintores: são eles que escolhem os desenhos e as cores, enviamos o projecto ao



Não há embaixador que venha ao país e não visite as instalações. E leva sempre uma lembrança

O antigo Presidente dos EUA Bill Clinton fez várias encomendas de azulejos

cliente e o normal é ele ficar satisfeito", disse o mesmo responsável.

Tempos difíceis

Numa altura em que reina a industrialização da produção, Alberto Bruno reconhece algumas dificuldades na manutenção da fábrica artesanal. "Há uma quebra generalizada dos mercados, o que se agrava quando falamos em métodos artesanais", adiantou. "Além disso, não há apoios oficiais", lamentou o responsável, acrescentando: "Um norte-america-

no que tem uma cadeia de distribuição de azulejos e outras peças já salvou a fábrica várias vezes", admitiu. "O ensino está desfasado da realidade e a técnica artesanal de fabrico de azulejos não se aprende em escola nenhuma, a não ser aqui mesmo", esclareceu o responsável, que trabalha em cerâmica há 20 anos e colabora com a fábrica Sant'Anna há sete. "Vamos resistindo, não sei é por quanto mais tempo", lamentou.

Um dos grandes problemas com que a fábrica se depara é a idade avançada dos seus traba-

lhadores. Muitos deles fazem parte da terceira geração de fabricantes, seja de que fase da produção for. "São técnicas que têm de ser aperfeiçoadas com o tempo e só ao fim de 30 ou 40 anos de experiência é que os trabalhadores as dominam", disse Alberto Bruno.

Periodicamente, alunos de escolas profissionais portuguesas fazem estágio na fábrica, mas, segundo o responsável, "não valorizam o trabalho nem chegam a mostrar interesse por ele". Alunos estrangeiros também passam por lá mas, "apesar de serem mais interessados e de gostarem disto, voltam depois para o seu país", concluiu. **MARTA COSTA SANTOS**



Muitos trabalhadores fazem parte da terceira geração de fabricantes